

consciência Bancária

EDIÇÃO DIÁRIA - ANO XXV - Nº 6220 - QUINTA-FEIRA, 04 DE OUTUBRO DE 2018



BNB – 50 ANOS DE LUTAS E CONQUISTAS

O Banco do Nordeste comemorou esta semana 50 anos de existência em nossa cidade. Desde 1968, o banco contribui ativamente para o desenvolvimento regional e tem papel importante no apoio aos agentes produtivos que fomentam a economia local. Pensar no Banco do Nordeste é pensar na possibilidade de transformação através do investimento na base econômica regional.

“Completar 50 anos com tamanha importância no desenvolvimento regional não é para qualquer instituição. O BNB, através do labor dos seus empregados, sempre figurou no cerne da economia local. Parabenizamos a todos os funcionários, aposentados e na ativa, por ajudarem na solidificação desta importante institui-



ção em nossa cidade”, parabenizou Jorge Barbosa, presidente do Sindicato.

Uma pequena exposição com fotos históricas da inauguração do BNB está exposta na agência cinquentenário e podem ser apreciadas pelos clientes e população. Parabéns, BNB!

BB E CAIXA CORTAM 21,2 MIL POSTOS DE TRABALHO

O desmonte dos bancos públicos prejudica empregados e clientes. Nos últimos dois anos, BB e Caixa cortaram 21,2 mil postos de trabalho por meio dos sucessivos planos de aposentadoria incentivada.

Com o corte, o atendimento fica ainda mais precário, resultando em insatisfação generalizada. Desta forma, a imagem das empresas ficam desgastadas perante a população. Tudo o que o grande capital quer.

O BB sozinho reduziu o quadro em 10,6% entre 2016 e 2018. Em apenas dois anos, mais de 16 mil funcionários deixaram a instituição financeira. A Caixa teve uma queda menos acentuada. O banco perdeu 9,2 mil empregados desde 2016, queda de 9,7% no número de bancários.

O índice de estagiários também caiu, 60% no Banco do Brasil e de 30% na Cai-



xa. Além dos transtornos aos clientes, a diminuição traz ainda muitos prejuízos aos trabalhadores. A sobrecarga aumenta consideravelmente, a extrapolação da jornada vira rotina e os funcionários ficam mais expostos a doenças ocupacionais.

Estudo divulgado recentemente sobre a Caixa revela que um em cada três empregados tiveram problemas de saúde no último ano. As doenças psicológicas e causadas por estresse representam 60,5% dos casos. (SBBA)

VOTE CONTRA MUDANÇAS NA CASSI ATÉ AMANHÃ



Acaba amanhã (05) o prazo para os associados da Cassi votarem contra as mudanças prejudiciais propostas pelo Banco do Brasil. As alterações no estatuto da Caixa de Assistência podem comprometer, em curto e médio prazo, a sustentabilidade do plano e onerar os funcionários.

Diferentemente do que acontece no atual modelo de custeio, o BB propõe que seja instituída a cobrança por dependente. O banco quer acabar com o princípio da solidariedade, que atinge principalmente os aposentados, tenta convencer o funcionalismo e não mede esforços. Inclusive, utiliza os gerentes para fazer campanha a favor da proposta.

Além disso, a instituição pretende mudar a governança da Cassi ao criar duas novas diretorias que seriam comandadas por agentes do mercado e estabelecer o voto de minerva pelo banco no Conselho Deliberativo.

Por isso, o Sindicato e todo movimento sindical orienta a rejeição da proposta com o voto não. Basta o associado acessar o site da caixa de assistência, baixar o app, ir aos terminais de autoatendimento do BB ou entrar no SisBB.(SBBA)

PLANTONISTAS DE HOJE

Manhã: CHICÃO

Tarde: AMAURY

ELEIÇÕES 2018**O PENSAMENTO ECONÔMICO ANTIPOVO NAS ELEIÇÕES**

Nessa eleição tenha cuidado com o Pensamento Econômico AntiPovo (PEAP), ele pode estar na cabeça do seu candidato. O PEAP nunca se assume como tal, aparenta não ter ideologia, aparece travestido de técnico, dissimulado em argumentos de autoridade que, tantas vezes repetido, parecem ser verdades contundentes.

Uma pérola do PEAP é afirmação de que “Estado não cabe no PIB”. Uma das variantes é a “a Constituição de 1988 não cabe no Orçamento” ou, ainda, como aparece no manifesto do Clube Militar do general Hamilton Mourão, a “extensão dos direitos sociais foi fator desestabilizador”.

Essas afirmações são demofóbicas e incoerentes. O tamanho do Estado não é problema técnico, mas político. A parcela do PIB que cabe ao Estado é uma decisão da sociedade sobre os serviços públicos que se pretende financiar coletivamente.

E, como mostra o livro recém-lançado “Economia para Poucos”, reduzir o gasto social no Brasil implica em aumento da desigualdade, pois é a população pobre que usa mais os serviços públicos e recebe mais transferências.

Enquanto isso, no programa de Jair Bolsonaro é o mercado, e não o governo, que deve promover inclusão social. E o foco na educação básica como o elemento promotor da igualdade de oportunidades soa muito humanitário, mas esconde a desconstrução de outras atuações públicas fundamentais.

Não haverá meritocracia em uma sociedade onde um jovem de classe média tem tempo livre, acesso à saúde, à cultura, ao lazer etc., enquanto um jovem pobre deve trabalhar depois da escola para complementar a renda familiar. Isso não se resolve só com gasto em educação, mas com transferências de renda para as famílias, gastos com saúde e cultura, entre outros.

Pérsio Arida, economista do tucano Geraldo Alckmin, tem afirmado que “não é função do governo gerar empregos”, tese amplamente compartilhada por candidatos e economistas midiáticos.

Enquanto o desemprego se desdobra em inúmeras mazelas sociais, a turma do PEAP advoga por políticas para as empresas privadas para “melhorar o ambiente de negócios” e “recuperar a confiança” para ver se, a posteriori, o mercado se encarrega dos desempregados.

Quando o candidato diz que “o brasileiro não aguenta mais impostos” todos gostam de ouvir. Mas de qual brasileiro falamos? Vivemos em um país onde os 10% mais pobres comprometem em torno de 50% de sua renda com tributos e os 10% mais ricos contribuem com apenas 23%. Uniformizar o problema é dizer nas entrelinhas que não teremos justiça tributária no Brasil.

Outra pérola do PEAP é a afirmação de que “o Brasil deve escolher entre crescer ou distribuir” como se houvesse um dilema entre o tamanho do Estado e o crescimento e que cortar gastos fosse pré-condição para crescer. É a reedição da velha “ladainha do bolo” que se espera crescer para depois distribuir. Nada mais falso. Os dois volumes do livro “Growing Public”, de Peter Lindert, estão repletos de evidências estatísticas que mostram que o crescimento do gasto social não leva a queda no PIB. Ao contrário, pode incentivar o crescimento.

“Não há alternativa” diz a pérola clássica do Pensamento Econômico AntiPovo, que também expõe todo o seu viés autoritário exposto nos trabalhos do seus gurus como. Está, aliás, explícito em pensadores como Hayek, para quem a democracia pode degenerar em coerção praticada pela maioria (pobre?) sobre a minoria (rica?) e que é preferível uma ditadura liberal a uma democracia com falta de liberalismo.